



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

Uma história verdadeira duma cabra lambareira

Por MARIA DINIZ MARTINS

EU tive uma cabra
Dizia: — Mé... Mé...
Que bom leite dava!
E sempre: — mé... mé...!

Roubava-me o pão,
O açúcar lambia;
Tudo quanto à mão...
Apanhar podia!

Ai, cabra, tão cabra,
Nunca vi assim!
Nunca o leite dava,
Sem fazer chinfrim!

Tinha um pasto belo
De silvas e flores;



Mas era o seu pêlo
De diversas cores!...

As barbas pintadas
De verde mui claro;
E tóda listrada...
Era um bicho raro!...

Fui ver... que seria?!
Num pequeno berço
Pintado de fresco,
O que ela lambia!...

Em tal travessura,
Apenas me viu,
Subiu grande altura...
Fugiu-me... fugiu!...

E sempre: — mé... mé...
A cabra maluca,
Foi dar mesmo ao pé
Duma fresca gruta.

E bebeu... bebeu
A'gua até faltar!
Ai, tanto se encheu,
Mal podia andar!

Por ser lambareira,
Depois desta acção...
Ficou-lhe de emenda
Tão dura lição!...

■ F I M ■



NOÇÕES DE



AERO NAUTICA

POR R. J.

II

Procurei, no número anterior, explicar-vos as forças que determinam a subida de um plano no ar, quando ele se desloca com uma certa velocidade, inclinado no sentido do movimento de um ângulo, qualquer, menor que 90 graus. Julgo que todos entenderam.

As asas de um avião, a final, são planos colocados de um lado e de outro do corpo do avião e que, sendo horizontais, como à simples vista parece, estão inclinados de um ângulo muito pequeno.

As forças que nós consideramos, actuando nos planos, exercem-se quer

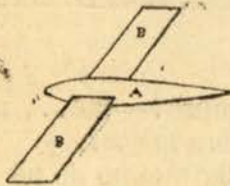


Fig. V

se puxe, correndo, por eles, quer se esteja parado e o ar se desloque em sentido contrário àquêle para o qual correríamos. É o que acontece com os papagaios. É costume lançar um papagaio só quando há vento: podemos amarrar a extremidade do cordel a qualquer coisa para que o papagaio não fuja que, desde que o vento sopra sempre com a mesma intensidade, ouere dizer, sempre que o ar se desloque sempre com a mesma velocidade, ele não cai: mantém-se à mesma altura. Se o vento sopra mais fortemente, o papagaio eleva-se mais; se sopra menos fortemente, perde altura.

Observemos o caso do avião. Reparem na figura V: temos o corpo do avião, A, com uma asa de cada lado, B. O avião, — incompleto, é claro — representado na figura V, represento-o, agora, na figura VI, visto completamente de perfil.

Como vêem, o segmento de recta ab,

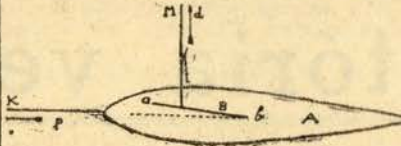


Fig. VI

que representa a asa esquerda vista de perfil, está inclinado sobre a linha tracejada, que é horizontal, de um ângulo α , muito pequeno. Este avião, que ainda não tem hélice porque os meus amiguinhos ainda não sabem como ela funciona, é puxado por uma corda K no sentido da seta p com uma velocidade bastante grande. Como já

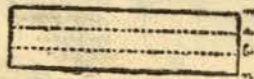


Fig. VII

sabem, os planos que constituem as asas elevam-se como se alguém puxasse por eles com uma corda M no sentido da seta z.

Para ângulos muito pequenos dos planos, a força que os faz elevar obtém-se multiplicando 0,08 pela soma da superfície de cada plano (a superfície total dos dois planos), pelo valor da velocidade elevado ao quadrado e por um valor do ângulo que é dado por umas tabelas e que se chama seno do ângulo. Não lhes explico o que é o seno de um ângulo porque, a maior parte

dos meus leitores não tem ainda conhecimentos suficientes para compreender. Quando nos vossos estudos chegardes a esse ponto, então compreendereis. Por ora, deveis limitar-vos a saber que existe um valor dado a qualquer, ângulo que se chama seno e que, graças a tabelas, nós escusamos de calcular.

Quando chegarmos à altura de construir um pequeno avião para voar, dar-vos-ei o valor do seno do ângulo

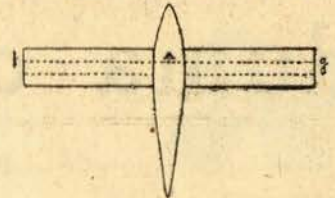


Fig. VIII

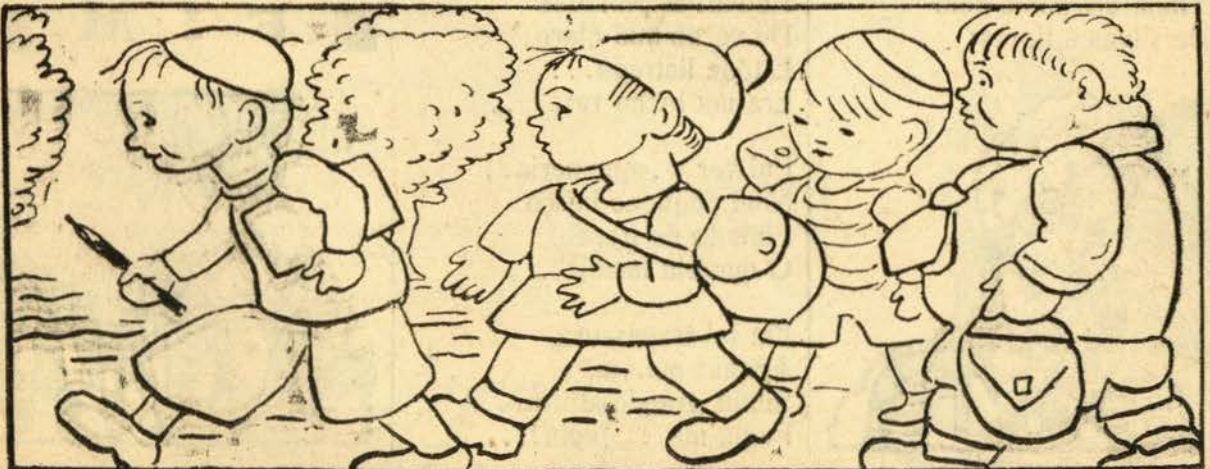
que eu indicar, para fazerdes as contas necessárias.

É fácil de ver, agora, que se a força que eleva os planos — e que passaremos a chamar força de sustentação, porque, é ela que sustem o avião no ar — é superior ao corpo do avião com toda a sua carga, ele se eleva no ar. Se conhecemos o peso do avião, podemos arranjar para a superfície das asas, para a velocidade e para o ângulo valores tais que a força de sustentação seja superior ao valor do peso.

Suponham que um avião pesa 800 quilos. Se esse avião se desloca com uma velocidade de 62 metros por segundo, ouere dizer, se percorrer 62 me-

(Continua na página 6)

P A R A O S M E N I N O S C O L O R I E M



A MININHA

Por CARLOS CARVALHO

A Mininha, de quem vos vou falar,
Tem encantos p'ra dar e p'ra vender,
E no meu coração um bom lugar,
A-pesar-de há bem pouco a conhecer.

Os seus límpidos olhos, muito escuros,
Espelham sua alminha de cristal,
E são tão inocentes e tão puros
Que dêles nunca pode vir o mal.

Ao abrir a boquita, quando fala,
A sua linda voz suave e doce,
As nossas almas meigamente embala,
Qual se dum rouxinol o cantar fôsse!

Não são os olhos só que lembram sóis
Resplandcentes, cheios de fulgor,
É, também, o cabelo aos caracóis,
Que dá graça ao seu rosto encantador.

Com um amigo, fui a casa dela,
Que fica mesmo ao centro da cidade,
E nunca vi, nos céus, nenhuma estrela
Que refulja com tanta claridade.

Faz-me lembrar uma pequena fada
Pela sua infinita gentileza;
Mal nos viu, assomou no alto da escada,
Recebeu-nos com porte de princesa.

E altivamente, sem peder a linha,
Diz-me, a sorrir: — Agora, ergue-me ao ar,



Põe-me naquele palco, depressinha,
Vais ver como eu sou mestra a recitar.

O palco era uma mesa bem pequena,
Onde ela posta foi. No mesmo instante,
Sorrindo, começou, muito serena,
A dizer coisas numa voz cantante.

E foi interessado e com pasmo
Que escutámos os seus recitativos,
Nos quais mostrou um grande entusiasmo
Em gestos largos, belos, expressivos.

Tem quatro anos sòmente e, tóda arteira,
Depois dum bom programa variado,
Cantou o «Quinta feira vou á feira»
Dando o lindo saráu por terminado.

Como não tem para ninguém segredos,
Foi-nos mostrar, pouco antes da partida,
As suas bonequitas e brinquedos
A quem quer', como aos Lopes, mais que á vida,

Pai Lopes, tio Lopes, assim chama,
(Nunca o faz a não ser desta maneira)
Aos dois entes a quem deveras ama,
Aos felizes que a têm por companheira.

Do seu lado custou-nos a sair,
E do seu pai ficámos com inveja;
Porque, sempre que quer, a pode ouvir,
E, também, quando quer, a abraça e beija.

Gostei de Chaves a formosa terra,
Onde te conheci, meu doce amor;
Mas a maior beleza que ela encerra
És tu, Mininha, sem nenhum favor.

■ ■ F I M ■ ■

GRANDES DE PORTUGAL

Temos recebido inúmeras cartas pedindo esclarecimentos acerca do concurso.

Repetimos, pois, as condições em que éle se baseia.

1.º — Os desenhos são colados, juntamente com os versos, numa caderneta de papel branco, com o nome das figuras históricas.

2.º — Os desenhos poderão, também, ser coloridos.

3.º — Os desenhos poderão vir também acompanhados de informações acerca das figuras históricas.

4.º — O nome da figura completa a última quadra, tendo, evidentemente, de obedecer à rima.

5.º — As cadernetas são feitas à escolha do concorrente e levarão, na capa, o nome e a morada do seu possuidor. Toda a correspondência, acompanhada de um selo de \$40, deve ser dirigida a:

Concurso: — Grandes de Portugal «Pim-Pam-Pum» — Rua do Século, 43 — Lisboa

Oportunamente, se publicará a relação dos prémios.

BOM EXEMPLO

Por IDALINA CARVALHO RODRIGUES

EU tenho dois sobrinhos, o Jorge de 8 anos, e o Zeca de 4, de quem toda a gente diz: — «são como o cão e o gato», em virtude de serem terrivelmente brigões. Não gostam de brincar juntos mas quando, às vezes, se dispõem a partilhar as suas brincadeiras um com o outro, (caso raro) não dura a boa harmonia mais que cinco minutos.

Arma questão pelo mais insignificante motivo, gritam e, por fim, servem-se de argumentos mais fortes. O Zeca arremessa ao irmão tudo que tem ao seu alcance: — terra, pedras, papéis etc.

O Jorge faz, então, uma exibição de box, o qual termina com forte choradeira do Zeca, pois este, vencido, mimoseia o irmão, com o nome de «Jorgeta», expressão que, no pensar dele, tem não sei que significado ofensivo. E estas cenas repetem-se, sem cessar.

Sou muito amiga de ambos, mas gostava muito que fossem dois bons irmãozinhos, muito unidos. Como toda a gente, que os conhece, os compara ao cão e ao gato, eu dedico-lhes especialmente esta história e ficaria bem satisfeita se eles seguissem este bom exemplo.

Tu, Jorge, homemzinho de pouco mais de um palmo, lerás esta história de dois bons amigos e procurarás imitar-lhes a boa camaradagem, porque, ouve bem: um cão e um gato podem, muitas vezes, servir de exemplo a meninos brigões!...

Tu, Zeca, ouvirás ler a história e pensarás que o Tejo e o Farrusco fazem, ao brincar, mais bonita figura que tu e o Jorge quando brincam juntos. Deves envergonhar-te por isso e, de futuro, não mais chamar «Jorgeta» ao teu irmão mas antes Jorginho, que é um nome mais bonito e mais amável!

Sei que há muitos manos como o Jorge

e o Zeca, e entre os leitorzinhos do *Pimpam-Pum* com certeza os há brigões para os manos. Também a esses, é dedicada esta história, verdadeira, aliás.

Viviam numa quinta, em bela camaradagem, o Tejo, belo cão, dócil e inteligente, e o Farrusco, bichano esperto e engraçado.

Eram dois amiguinhos inseparáveis, e ainda o são!

Cumpriam zelosamente o seu dever. O



Tejo guardava a quinta, e o Farrusco de-vastava a rataria do celeiro,

Mas tinham as suas horas vagas e eles aproveitavam-nas, admiravelmente na brincadeira, sem nunca brigarem. Só se sentiam bem ao pé um do outro e, não raras vezes, o Farrusco dormia a sua soneca na casota do Tejo, que ficava muito satisfeito com aquela deferência. O Farrusco tinha fôfas almofadas para dormir, mas preferia, muitas vezes, aninhar-se junto do seu amiguinho!

Constantemente davam um ao outro, provas de recíproca estima. Um dia, houve

grande festa na quinta, pelo motivo do casamento duma filha dos seus donos. Toda a gente andava muito atarefada... A cozinheira, que todos os dias não se esquecia de levar a comida ao Tejo, nesse dia completamente se esqueceu do pobre animal.

O Farrusco estava sempre garantido; senhor da cozinha, comia bons acepipes, pois se fazia lembrar á cozinheira soltando os seus miaus!

Depois de bem regalado, foi visitar o seu amigo, mas muito desgostoso ficou quando elle lhe disse, na sua linguagem, que sentia a barriga pegada ás costas.

Então elle, á falta de melhor, foi ao celeiro e teve a sorte de, em poucos minutos, caçar dois anafados ratos, que rapidamente levou ao Tejo, dizendo-lhe: — «Foi o que pude arranjar. Talvez cuides que não é bom mas é porque ainda não provaste! Verás como é saboroso!»

Ao Tejo não agradava lá muito aquele manjar mas decidiu comê-lo.

No outro dia, teve abundante comida. A cozinheira quizera reparar o seu esquecimento.

O Tejo, vendo dois apetitosos ossos no seu tacho, a-pesar-de lhe crescer a água na bôca, guardou-os na sua casota, para os oferecer ao Farrusco, pois queria pagar a sua dívida de gratidão.

Á noite, o Farrusco foi visitá-lo e elle apresentou-lhe o petisco que lhe guardára.

Mas, a-pesar-de toda a sua boa vontade de não desgostar o Tejo com tal recusa, o Farrusco não conseguiu meter-lhe os dentes, como fazia o seu camarada. E disse-lhe por fim: — «Os meus dentes não são tão rijos como os teus, portanto, não posso comer os ossos. Mas não fiques triste por isso. Vamos brincar!»

E brincavam alegremente, quando o Farrusco teve uma idéa. — Se fôssemos dar um passeio? Só conhecemos a quinta e gostava de vêr mais coisas. O muro é baixo facilmente saltaremos para fóra. Voltaremos em breve!»

O Tejo ainda hesitou. Não queria deixar a quinta sem a sua vigilância mas, como o passeio tentava, por fim, resolveu ir. Saltaram o muro, e lá foram passear. Chegaram á beira dum rio, perto duma grande azenha que estava a funcionar. Ficaram ali a admirar o que viam. Pasmavam do redemoinho que a água fazia.

Mas um mau rapaz, que ali estava, teve a diabólica lembrança de se divertir estupidamente.

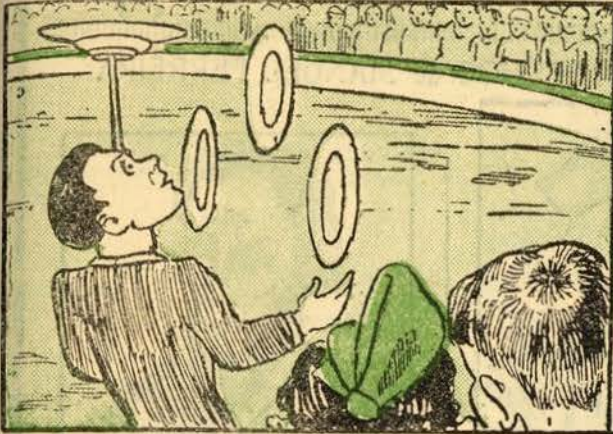
Aproveitou a ocasião do Farrusco estar muito entretido a vêr aquele espectáculo novo para elle, agarrou-o e, rapidamente lançou-o á água.

Foi tão rápida esta cena que o Tejo não pôde intervir.

O Farrusco debatia-se na água desesperadamente e estava quasi debaixo da re-



CHIQUINHO EQUILIBRISTA



I — Chiquinho Ruy Amadeu assiste, em lugares baratos, a certo jôgo de pratos na sala do Coliseu.



II — Delira, de espaço a espaço, sua irmã Encarnação mas êle, em ar fanfarrão, exclama: — «Tudo isto eu faço!»



III — Ao chegar a casa, agora, quiz tudo fazer também, mas deu cabo, em meia hora, de tôda a loiça da mãe!



IV — E o final desta aventura, facilmente se adivinha... Entrou, na devida altura, A mão da sua mãizinha



da azenha, onde teria morte certa o pobre bichano.
O Tejo, porém, corajosamente, sem querer saber do perigo que ia correr, atirou-se à água e, denodadamente, lutou para salvar o seu amiguinho.

Ao fim de algum tempo e de muitos esforços, conseguiu trazê-lo para terra, preso nos dentes. Cansado, depositou o Farrusco na margem do rio, ante o olhar pasmado do mau rapaz que assistira, assombrado, à abnegação daquele animal, que lhe dera uma bela lição de bondade! Retirou-se envergonhado e cheio de remorsos pela sua crueldade.

O Tejo e o Farrusco voltaram para a quinta e nunca mais tiveram vontade de repetir o passeio.

O Farrusco nunca esquece aquela prova de amizade e dedicação e, desde êsse dia, dorme sempre junto do Tejo, dando a êste, grande contentamento.

Amiguinhos e inseparáveis, eu penso que a vida dêstes dois animais, bem pode servir de exemplo a tantos meninos... e, em especial, ao Zeca e ao Jorge!

CONCURSO dos MONUMENTOS

AVISO AOS CONCORRENTES

Por motivo de doença do director do nosso suplemento, só no próximo número publicaremos o resultado dêste interessante concurso, que tão retumbante exito obteve, dada a quantidade de cadernetas artísticas em nosso poder.

CONCURSO: -Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



15

O primeiro vice-rei
Posto em terras de além-mar,
Era um homem justo e honrado
E um herói a batalhar.

Levou consigo o seu filho
Tão belo como as estrelas,
Que, desde novo, zombava
Das lanças e das procelas.

Mas, um dia, os inimigos
Mataram-lho com furor!...
Ai, quem pudera contar
O que foi a sua dor!...

Louco varrido, correu
Até às portas de Diu
E o que era dos inimigos,
Incendiou, destruiu...

Fez coisas mais que famosas,
Dignas dum herói da Eneida,
Mas não mais houve alegria
Em



16

Heróico, de olhar brilhante,
Diz assim à sua gente:
«Farei novo Portugal
Nas longes terras do Oriente.»

E tomou, com poucos homens,
Gôa, Malaca, e Ormuz,
Colocando nas mesquitas
A formosíssima Cruz.

Foi muito justo e honrado.
E quando foi ter com Deus,
Diziam os índios: — «Foi
Comandar anjos nos céus!»

E ficou — (sabeis o quê?
Vêde que terrível lei!)
Mal com o rei pelos homens,
Mal com estes por el-rei.

É que dizia sem medo:
«Quem quer' ser herói não merque!»
Nunca mais houve outro homem
Como



17

Partiram as caravelas
Num formosíssimo dia,
Para aquela Índia de sonho
Que, lá ao longe, sorria.

Mas, em vez de prosseguirem
No caminho conhecido,
Manda o capitão marchar
Por outro nunca seguido.

E ao fim de, dias e dias,
Andarem no vasto mar,
Encontraram uma terra
Que era de maravilhar.

Terra de selvagens bons,
De riquezas aos montões,
Que se chamou o Brasil,
E hoje é grande entre as nações.

E ao ver mais terras e glórias
Para o nosso Portugal,
Só alegria se via
Em

NOÇÕES DE AERONAUTICA

(Continuação da página 2)

tros num segundo, se as asas tiverem uma área total de 21 metros quadrados e estiverem inclinadas de um ângulo de 7 graus cujo seno, visto nas tabelas, é 0.122, haverá uma força de sustentação de 844 quilos, como se verifica fazendo as contas que indiquel. Logo, sendo a força de sustentação superior ao peso, o avião pode voar.

Mas, n'esse momento as asas não podem ser colocadas em qualquer ponto do corpo do avião, melhor, mais para trás ou para diante.

Observem a figura VII. Ela representa a asa de um avião, de forma rectangular. Dividimos um dos lados

menores, *m u*, em três partes iguais e, pelos pontos achados, *a e b*, traçamos linhas paralelas aos outros lados maiores. Essas linhas paralelas estão representadas a tracejado.

Suponham, agora, o avião visto de cima, como representa a figura VIII: lá estão as asas divididas em três partes iguais. A linha *f g*, mais próxima da aresta dianteira das asas, deve passar por um ponto *A* do interior do corpo do avião que se chama *centro de gravidade*. Não passando pelo ponto *A*, deve passar mais abaixo ou mais acima, mas sempre na sua direcção. Por outras palavras, quando a linha

f g não passa pelo ponto *A* ela deve cortar outra que lhe é perpendicular e passa por esse ponto; melhor, a linha *f g* deveria cortar a linha de um fio de prumo que passasse pelo ponto *A*, abaixo ou acima desse ponto.

Na construção, quando se procura o ponto *A* e se colocam as asas como indiquel, chama-se fazer a *centragem* do avião.

No próximo número explicarei o que é o *centro de gravidade* e como se determina, continuando a explicação com o estudo dos lemes e sua maneira de actuar.

Hora de recreio

CHARADAS, ADIVINHAS, ENGENHOCAS, JOGOS, ETC.

CHARADAS — N.º 4

NOVISSIMAS

1 — Encontrei um utensílio doméstico numa rua desta terra portuguesa. — 1-2

Luciano Moreira

2 — Come a «ave» que eu como outra «ave». — 2-2

Mapereira

3 — Ele torna célebre com esta «notas» aquele livro ornamentado de gravuras. — 3-1

Mizita

SINCOPADAS

4 — Este instrumento guerreiro estava numa rua sem saída. — 3-2

Manuel Aguincha

5 — Nunca encontrei nesta terra portuguesa semelhante «reptil». — 3-2

Maria do Ar

ELECTRICA

6 — Um magistrado da antiga Roma foi morto no campo da batalha. — 2

Moreno

COMBINADAS

7

1 + rada = habitual
1 + to = recedor

Conceito: Terra portuguesa.

Jocaro

8

1 + ta = relação
1 + te = «embarcação»
1 + nio = licor aromatizado

Conceito: Capital d um país Europeu.

Mário F. B. Ripado

9 — Morta

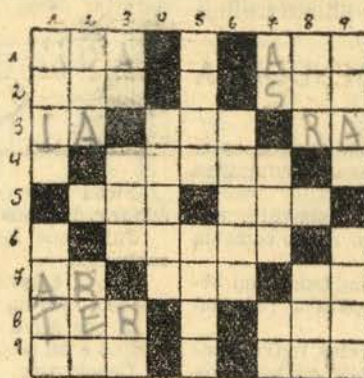
I. Atirbac

10

ENIGMA PITORESCO



PALAVRAS CRUZADAS



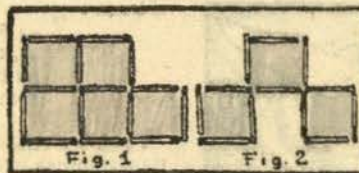
HORISONTAIS

1 Membros — Vogal — Gosto, 2 — Anel — Consoante — Condimento, 3 — Andava — Caminhei — Preposição, 4 — Consoante — Valente — Vogal, 5 — Filtra — Alimento, 6 — Consoante — Ferro-Velho — Consoante, 7 — Atmosfera — Interjeição — Rio italiano, 8 — Possuir — Consoante — Pronome pessoal, 9 — Dama — Vogal — Pedra sagrada do altar.

VERTICAIS

1 — Parentes — Ave, 2 — Data — consoante — Monarca, 3 — Sôzinho — Genero de serpentes — Batráquio, 4 — Zangado, 5 — Mulher — Ilha italiana, 6 — Evapora, 7 — Carta de jogar — Parente — Ande, 8 — Parente — Vogal — Colocar, 9 — Espirito — Flôr.

PROBLEMAS COM FOSFOROS



Com 15 fósforos formar uma figura de 5 quadrados iguais e justapostos (Fig. 1).

A questão apresentada é a seguinte: Tirar dessa figura 3 fósforos, de modo a ficar outra figura mas de 3 quadrados, somente.

A solução é verificavel na fig. 2.

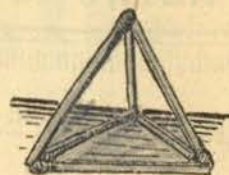


Fig. 3

Com 6 fósforos construa quatro triângulos equiláteros iguais.

Começa-se por construir um triângulo no sentido horizontal, depois completa-se com os restantes fósforos, até formar um tetraedro regular (Fig. 3).

Praticamente não é muito fácil nem a figura construída é muito sólida. Contudo o resultado satisfaz a questão apresentada.

Praticando uma fenda na extremidade de dois dos fósforos que formam o vértice do tetraedro, de modo a encaixarem-se um no outro, é mais fácil construir-se a figura.

CORRESPONDENCIA

António Martins Leitão. — Nesta secção não se trata desses assuntos. Queira dirigir-se directamente a O Século e não ao Pim-Pam-Pum.

Ceiso, Marmelo Verde, Moreno e Renato R. Paulo. — Os problemas de palavras cruzadas têm de ser desenhados a tinta da China e em papel liso, sem linhas. Os que mandaram não servem por não satisfazerem todas as condições que indico.

O Mosqueteiro do Ar. — Por enquanto os problemas citados não constituem concurso nem fazem parte dos de charadas. Contudo publicar-se-ão os nomes ou pseudónimos dos decifradores. Quanto à outra pergunta deve dirigir-se à Administração.

Galhardo. — Não nos restam trabalhos seus dos anteriores concursos. Tudo o que serviu foi publicado.

Chiribibi. — Não devia nem deve indicar: verbo em português, mas sim um sinónimo ou significado da palavra que escolheu para decifração. Sairá depois de devidamente rectificada.

NOTA: — Toda a correspondência relativa a esta secção, deve ser endereçada a: Américo Taborda — Pim-Pam-Pum — Rua do Século, 39 — LISBOA.

UMA CATÁSTROFE

NO REINO DAS MÔSCAS

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

AQUELE moscardão, já velhote, contava casos da sua vida que muito interessavam as famílias de môscas, mosquitos e moscardos.

Havia uma história, principalmente, que ele repetia muitas vezes e que muito comovia o auditório.

Acontecera a grande calamidade num verão quentíssimo, esplêndido para a reprodução das môscas.

Havia tantas que o sustento faltava e elas voavam aos milhares para a vila, na faina de achar o que, em vão, procuravam nos campos.

— Ora calculem vocês, — dizia o moscardão, puxando o pigarro para aclarar o zumbido — que, uma ocasião, topei no caminho da vila, a comadre Mósca-Fósca que era um azougue de esperteza. Voámos juntos e só parámos à porta da botica porque nos vinha dali um belo cheirinho a açúcar.

Era o boticário que preparava qualquer cousa com êsse petisco.

Fomos logo pousar no cartucho que estava na balança, mas o homem enxutou-nos e puzemo-nos, então, de atalaia nos vidros da porta.

A comadre Mósca-Fósca, em confiança, num zumbido surdina, deu-me parte da sua idea altruista: iria prevenir a família das môscas esfomeadas para ali virem tôdas encher a barriguinha.

Mas, nisto, percebemos que havia dois cartuchos: — o do açúcar e um outro, e que o boticário se servia dos dois.

Vai, a Mósca-Fósca voou direita ao balcão e foi cheirar o segundo cartucho. Voltou muito enjoada, assegurando-me que aquilo devia ser grande veneno, pois até fazia tonturas a distância mas que o pó era branco e fino, tal qual o daquele belo açúcar tão doce e saboroso... Então, a finória teve uma lembrança engenhosa.

Iria sujar as asas no tinteiro e pousaria depois no cartucho do açúcar.

Dessa maneira, êste ficaria marcado e as companheiras não se enganariam.

Se assim o disse, melhor o fez!

Muito lépida, esvoaçou para o balcão e esfregou-se na tinta do tinteiro.



Ficou logo com as asitas tôdas negras. Eu olhava-a, admirando a sua destreza e inteligência.

Julgo que foi nessa ocasião que o boticário trocou os cartuchos.

O que estava na balança foi parar ao balcão e o outro colocou-o êle na balança.

O que sei é que a Mósca-Fósca pousou no cartucho do veneno e foi êsse que ficou marcado com manchas de tinta.

Depois veio, tôda ligeira e satisfeita, segredar-me: — «Fica tu vigiando, que eu vou chamar tôdas as nossas queridas companheiras.»

Num cantinho da vidraça, eu tentava não bulir porque o meu zumbido é mais falador que o de vocês, e, pela certa, seria logo apanhado pelo boticário.

Por fim, o barulho monótono que êle fazia a mexer nos frascos, deram-me uma tal sonolência que adormeci.

Quando acordei, o boticário não estava lá e, na balança, só vi o cartucho com as marcas de tinta; o outro, desaparecera.

Já muitas môscas chegavam, açodadas, certamente, correndo ao aviso da companheira.

Daí por diante, o que se passou não se pode descrever!

As pobres mosquinhas que entravam aos milhares, seguiam tôdas por cima do balcão, onde procuraram o cartucho. Caíam, então, a estrebuchar nas cadeiras, no chão, nos armários e, num instante, morreram. Pus-me à porta para impedir que houvesse mais vítimas mas a maior parte não me acreditava.

Quási tôdas respondiam: — Pois sim! — Tu o que queres é guardar todo o açúcar para ti! — e empurraram-me até conseguirem chegar ao balcão.

Ao vir de dentro, o boticário admirou-se ao vêr tanta môscas morta e ouviu-o dizer à mulher.

— Êstes demónios comeram arsénico. É preciso varrerem o chão, que está cheio delas.

A Mósca-Fósca que chegava, ficou arrepiada com tal desgraça!

Tôda a sua família e relações haviam morrido... e fôra ela a culpada da grande fatalidade!

A pobre zumbia, chorando e clamando ao cantinho da vidraça:

— Ai! que estou na orfandade,
ai, que grande mortandade,
eu fico no mundo só,
sem a mãe e sem a avó...

Deu-se, então, um caso extraordinário... Um terrível Papa-Môscas avançou sobre ela e enguliu-a.

Mas, como que fulminado, caíu a espernear, gritando muito aflito:

— Morro envenenado!

Assim sucedeu.

Fôra a tinta das asas da Mósca-Fósca que o matara.

Assim terminava a sua triste história o moscardão e tôdas as môscas e mosquitos, que o ouviam, soluçavam comovidos com o trágico fim das vítimas da horrível catástrofe.

